

PRELÚDIO

Não sei exatamente quando é que me desviei do meu caminho, mas recordo com precisão o momento em que a vida se encarregou de me colocar de novo nos eixos.

Foi na manhã do dia 19 de dezembro de 2003, num gabinete do Hospital de São João, no Porto, quando aquele que viria a ser o meu médico me anunciou que tinha uma leucemia e que as minhas hipóteses de remissão eram de 80 %. Tinha 31 anos acabados de fazer. Fui imediatamente internada, comecei no dia seguinte o primeiro de três ciclos de quimioterapia, agarrei-me àquele número tão generoso — 80 %! — e ao amor da minha família e dos meus amigos para encarar, cheia de esperança, aquela que foi até hoje a mais dura batalha. Com a ajuda de todos — médicos, enfermeiros, outros técnicos de saúde e pessoal auxiliar incluídos, claro — venci. Por muito que viva e por muito que faça para justificar todos os dias a minha existência e ser merecedora desta segunda oportunidade, nunca terei como agradecer o suficiente o que todos fizeram por mim. Fui e sou muito abençoada.

Passar seis meses a lutar contra um cancro, em isolamento, num pequeno quarto a que pouquíssima gente tinha acesso, pôs toda a minha vida em perspetiva. Havia pouco mais de um ano que tinha deixado de frequentar o consultório de uma psiquiatra onde entendi e debilei uma constante sensação de inadaptação que me perseguia desde a adolescência e que se agudizara no último par de anos, em

parte por causa de um trabalho pelo qual não morria de amores e que acontecia num ambiente que constrangia a minha mais profunda natureza. Faltara-me a coragem para desistir daquilo que tantos cobiçavam — um salário razoável, numa empresa estável — e, ironicamente, adoeci dois meses depois de uma mudança profissional auspiciosa.

Foi então que, num ápice, todas as minhas angústias existenciais se eclipsaram. No dia em que percebi que a vida me podia fugir, o meu caminho iluminou-se. Reemergiu o meu maior desejo, aquele que reprimi e maltratei durante anos em nome sei lá do quê. Uma vontade que se resume a algo tão simples quanto isto: ler e correr mundo. As leituras, que já eram parte fundamental do meu dia a dia, acompanharam o meu internamento. As viagens, essas, entraram numa espiral crescente no mesmo ano em que tive alta — em novembro de 2004 passava duas semanas no Brasil. Seguiram-se regressos a Paris, Londres, Nova Iorque e Buenos Aires, a descoberta de Budapeste e Berlim, da Patagónia argentina, de Itália, Marrocos, Japão, Índia e China.

Em dezembro de 2011, quando a crise económica e financeira se agudizava e os portugueses recorriam a antidepressivos e a ansiolíticos para continuar a empurrar a existência, senti que a alegria de viver potenciada pelo meu “renascimento” estava em perigo. A rotina instalara-se de novo, o trabalho era mais entediante que estimulante e soube que era urgente reagir. Havia mais de um ano que andava a explorar o mundo da fotografia e foi de forma muito espontânea que me ocorreu associá-lo ao mundo dos livros: criei o Acordo Fotográfico, um site no qual homenageio o ato de ler. A partir de então tive de me abrir ainda mais ao mundo e aos outros, aos estranhos, aos leitores anónimos que encontro em locais públicos — em Portugal ou no estrangeiro —, a quem peço uma fotografia e com quem converso sobre livros ou qualquer outro assunto que surja a propósito da leitura e da literatura.

Convencida de que tinha apenas arranjado um balão de oxigénio, um lugar onde poderia também começar a experimentar a escrita,

estava longe de saber que tinha posto em marcha um mecanismo que, mais uma vez, mudaria o rumo da minha vida. O Acordo Fotográfico captou a atenção dos *media*, granjeou-me alguma notoriedade, deu azo a exposições fotográficas e trouxe-me bons amigos. No meu íntimo, sonhos mais altos começavam a desenhar-se.

A 16 de abril de 2013, no dia em que assinalava o nono aniversário do autotransplante de medula óssea que me deu uma vida nova, tinha regressado havia pouco tempo de uma incursão ao Oriente. Estava sentada à secretária, no meu local de trabalho, no Porto, e encarava mais um dia igual a tantos outros, diluído numa semana semelhante a tantas outras, que se perdem em meses sem verdadeiro significado. Pelo meio, a falta de ânimo já me valera uma baixa médica de duas semanas. E eu que sabia tão bem que a vida pode ser demasiado curta para ser gasta assim...

Desabafei com o meu irmão, que estava em Lisboa, falei-lhe da minha frustração e admiti a loucura que me apetecia: pôr uma mochila às costas e partir pelo mundo para fotografar leitores. A pergunta que me devolveu — “*O que é que te impede?*” — desencadeou um processo irreversível. Nesse mesmo fim de tarde cheguei a casa, abri no chão da sala um mapa-mundo da *National Geographic*, fiz contas às poupanças acumuladas durante anos de trabalho por conta de outrem e comecei a planear a volta ao mundo que faria um ano mais tarde, a tempo de festejar os dez anos de autotransplante, a tempo de festejar a vida com estrondo, a tempo de concretizar um sonho antigo: fazer uma viagem de longa duração. Parti em março de 2014.

Aproveitando a existência do Acordo Fotográfico e o trocadilho evidente com o polémico Acordo Ortográfico, decidi que visitar todos os países de língua oficial portuguesa e alguns territórios onde ainda se fala português, dando uma volta ao mundo, seria um bom mote para a viagem e, sobretudo, um bom fio condutor. Disponha de seis meses para viajar, o que pode parecer muito, mas não é. Num percurso tão ambicioso, ter um plano é fundamental para se organizar e gerir o tempo de forma que seja possível tirar o maior

proveito do mesmo. Queria, portanto, visitar o Brasil, Timor-Leste, Malaca (na Malásia), Macau (na China), Goa (na Índia), Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Quando a minha amiga Nilza, com quem já tinha viajado antes, decidiu juntar-se a mim, foi ela que me sugeriu explorarmos mais o Sudeste Asiático, já que entre Malaca e Macau ficam uma série de outros países sedutores: a Tailândia, o Laos, o Vietname e o Camboja. E já que tínhamos de fazer escala em Sydney para chegar a Timor-Leste, optámos por ficar também uma semana na Austrália. Por fim, desistimos da Guiné-Bissau por questões de segurança (no final de 2013, registou-se o episódio insólito com um voo da TAP, onde embarcaram passageiros sírios com passaportes falsos e instalou-se um certo mal-estar entre as autoridades portuguesas e guineenses), e visitámos Zanzibar (na Tanzânia) e a África do Sul em vez de Angola e Moçambique, por não termos conseguido vistos para entrar nestes países. Ao regressar a Portugal, em finais de agosto de 2014, tinha visitado catorze países. E nada mais foi como dantes.

Os textos que compõem este livro foram escritos a propósito dos leitores que conheci nesse périplo e dos lugares onde nos encontramos. Organizados por ordem cronológica, estão intercalados com excertos (assinalados em *itálico*) inéditos do diário que fui mantendo durante a viagem, e com memórias soltas que guardo desses dias, sem que nunca as tivesse passado antes para o papel.

Talvez um dia arranje coragem suficiente para escrever longamente sobre a revolução profunda que o Acordo Fotográfico, os leitores, os livros e as viagens — esta volta ao mundo, em particular — provocaram na minha vida. Neles encontrei o meu eixo, o meu caminho, o propósito que confere sentido aos meus dias.

Nos entretantos, podem sempre saber de mim, dos leitores, dos livros e dos lugares onde os encontro no acordofotografico.com.

Março de 2017